



VEIGA CABRAL — PROFESSOR DE GEOGRAFIA

De EVARISTO DE MORAES FILHO

HOJE em dia, em face dos milhares de indivíduos que exercem o magistério particular, que vivem dos proventos que daí auferem; em face da existência de inúmeras Faculdades destinadas a formar especialistas nesse ofício; em face do enquadramento profissional da legislação ordinária, que dá um lugar próprio e inconfundível à associação por eles formada — não se pode mais negar que o professorado se constituiu em profissão própria, passando do estágio de simples prestação gratuita de serviços, de mera atividade dispersa e difusa, para o estado de uma autêntica profissão econômica diferenciada e com contornos jurídicos bem definidos.

É imensa a grandiosidade da tarefa a ser realizada pelo professorado secundário. Toda a mocidade de um país deverá passar pelas suas mãos, os seus ideais, os seus hábitos, as suas habilidades, os seus defeitos, os seus vícios poderão perpetuar-se através das multidões de alunos que lhe ouviram as lições. A sua função social é das mais relevantes e nobres. Não se pode negar o importantíssimo papel que esses professores representam na vida dos nossos dias. Apesar de muito repetida e sedida, nunca é demais repetir a conhecida exclamação de Pedro II, de que, caso não fosse monarca, não hesitaria um só instante em ser professor, já que via nessa atividade a mais sublime e elevada de todas as tarefas sociais.

Ninguém pode negar, em sã consciência, que o professorado secundário é a mais importante das chamadas profissões liberais. Embora a Faculdade de Filosofia pareça socialmente mais modesta em seus propósitos frente às Faculdades de Direito, Medicina e Engenharia, que formam doutores, enquanto aquela forma apenas professores secundários, não titubeamos em apontar nela uma função social muito mais relevante. Do ponto de vista do prestígio social, não resta a menor dúvida que os diplomados pelas três últimas Faculdades gozam de muito maior brilho mundano. Mas, se considerarmos a conhecida afirmação de Durkheim, quando diz que a educação nada mais é do que a transmissão da herança social, reponta desde logo a imensa responsabilidade do curso secundário. A educação secundária pertencem os principais e mais áduos problemas da formação da adolescência, *l'âge ingrat* dos franceses, quer biológicos, de saúde, como os humanísticos, culturais, profissionais, os cívicos, enfim.

É na personalidade do mestre, nos ideais que o animam, nos propósitos que o levam a ensinar, que repousa o êxito do bom ensino. Que adiantam a didática do interesse, a flexibilidade dos cursos, as boas normas de aprendizagem, se encontramos pela frente um professorado displicente, descuidado e pessimista?

Ainda há pouco recebeu um desses mestres, encanecido no ensino, as mais justas e sinceras homenagens de todas as classes sociais. Trata-se do professor catedrático do Instituto de Educação, Mário da Veiga Cabral. Nas Casas do Congresso, inclusive na Câmara dos Vereadores, várias e eloquentes vozes fizeram-se ouvir em elogio à sua pessoa e sua obra, a pretexto da passagem — se não nos enganamos — de quarenta anos de prática constante de ensino secundário. E isso nos faz recuar vinte e cinco anos no tempo, e lá estamos no Ginásio 28 de Setembro, do saudoso General Liberato Bittencourt, a assistir aulas de um mestre, já então famoso, sempre de vareta em punho, apontando nos mapas de parede as localizações exatas dos acidentes geográficos. Toda a classe esperava ansiosa pelas suas aulas, como se tivesse marcado encontro com um mágico cicerone de outras terras e de outras gentes. Era o encanto e o mistério das viagens imaginárias. Depois de cada lição é como se tivéssemos percorrido o pró-

prio país estudado. Ninguém dormia nem bocejava em aulas de Veiga Cabral.

E qual o segredo de tudo isso? Muito simples: estávamos diante de um mestre consumado, senhor de todos os segredos da sua profissão e do seu assunto, com uma personalidade bem formada, simples, honesto e sobretudo humano humaníssimo. Os livros de texto eram de sua própria autoria, de *História do Brasil*, de *Corografia do Brasil*, de *Geografia*, de *Cosmografia*, escritos em linguagem direta, sem rebuscados, à altura dos leitores adolescentes a que se destinam. Hoje andam por dezenas de edições, a demonstrar que nem sempre os homens são ingratos e que muitas vezes sabem reconhecer o mérito de quem realmente o possui. E esta pequenina crônica nada mais é do que mais uma adesão de um ex-aluno e ainda seu leitor às homenagens de que foi objeto há poucos meses.